

O PROBLEMA DO MAL: DE EPICURO A PLANTINGA

por Ubiracy Lucas Barbosa

INTRODUÇÃO

A história da filosofia atribui a Epicuro de Samos (341-271 a.C.) o questionamento sobre a bondade, o poder e a onisciência divina. Epicuro coloca a questão da seguinte maneira: “Enquanto onisciente e onipotente, tem conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele. Mas não o faz. Então não é benevolente. Enquanto onipotente e benevolente, então tem poder para extinguir o mal e quer fazê-lo, pois é bom. Mas não o faz, pois não sabe o quanto mal existe e onde o mal está. Então ele não é onisciente. Enquanto onisciente e benevolente, então sabe de todo o mal que existe e quer mudá-lo. Mas não o faz, pois não é capaz. Então ele não é onipotente”.

Em termos mais recentes a ideia de Epicuro foi colocada por John Frame no seguinte silogismo:

- Se Deus fosse Todo-poderoso, teria sido capaz de prevenir o mal.
- Se Deus fosse Todo-bondoso, ele teria desejado prevenir o mal.
- Portanto, se Deus fosse Todo-poderoso e Todo-bondoso não haveria o mal.
- Contudo, o mal existe.
- Portanto, não há um Deus Todo-poderoso e Todo-bondoso.

No entanto, William Lane Craig, oferece um outro silogismo que aponta para uma resposta ao problema do mal:

- Existe um Deus todo-poderoso e amoroso.
- O sofrimento existe.
- Se Deus é todo-poderoso, ele pode criar qualquer mundo que queira.
- Se Deus é amoroso, ele prefere um mundo sem sofrimento.
- Deus não poderia ter criado outro mundo com o mesmo tanto de bem e com menos sofrimento do que esse mundo, e ele tem boas razões para permitir que o sofrimento exista.

1. AVALIANDO O PROBLEMA DO MAL

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716 d.C.) faz distinção dos tipos de mal que há no mundo. Há o mal metafísico que consiste na simples imperfeição, o mal físico, no sofrimento, e o mal moral, no pecado. Leibniz entende que “O mal

metafísico é aquele das imperfeições, o mal físico consiste nas dores e outros incômodos semelhantes e o mal moral nos pecados. Todos esses males se encontram na obra de Deus”.

Mal metafísico. O mal metafísico seria a fonte do mal moral, e deste decorreria o mal físico. O mal metafísico é a imperfeição inerente à própria essência da criatura, pois se ela não fosse imperfeita, seria o próprio Deus

Mal moral. O mal moral é o pecado na humanidade. Leibniz afirma que, assim como a correnteza é a causa do movimento do barco, mas não de seu atraso, assim também Deus é a causa da perfeição da Natureza, mas não de seus defeitos. Ao produzir o mundo tal como ele é, Deus escolheu o menor dos males, de tal forma que o mundo comporta o máximo de bem e o mínimo de mal.

Mal físico. O mal físico é o sofrimento. O mal físico é entendido por Leibniz como consequência do mal moral, podendo ser considerado, ao mesmo tempo, como consequência física da limitação original e como consequência ética, isto é, como punição do pecado. Em decorrência da harmonia preestabelecida, a dor física seria expressão da dor metafísica, que a alma experimenta por causa de sua imperfeição. Segundo Leibniz, Deus autoriza o sofrimento porque este é necessário para a produção de um bem superior.

Há mais bem do que mal, mais alegria do que tristeza, mais prazer do que desprazer. Vejamos se esta tese pode ser demonstrada. A Bíblia declara que “A terra, SENHOR, está cheia da tua bondade...” (Sl 119.64). Ora, considerando que a palavra de Deus é verdadeira, então, de fato a terra está cheia da bondade do Senhor e daí decorre que há mais bem do que mal na terra.

Essa tese pode ser demonstrada pelos prazeres que o ser humano desfruta, mesmo diante do sofrimento, são eles o sexo, o sono e a comida, poderia ser acrescentado a estes três, outros prazeres que tornam a vida cheia de bem e alegria, tais como a família, alegria da realização, a contemplação do belo.

Leibniz defende esta ideia da seguinte maneira: “...há incomparavelmente mais bem do que mal na vida dos homens, como há incomparavelmente mais casas do que prisões”.¹ Uma prova contundente que há mais bem que mal no mundo, é anseio pela vida, a busca da felicidade, pois se de fato houvesse mais mal que bem, os seres humanos desistiriam da vida, praticariam o suicídio em massa.

2. RESPONDENDO AO PROBLEMA DO MAL

Sem dúvida alguma o problema do mal é algo desafiador para o cristão lidar. Os ateus têm levantado esta questão e apontado como o “calcanhar de Aquiles” do cristianismo. Oferecer respostas plausíveis tem sido uma tentativa ao longo da história por parte de homens tementes a Deus e que pretendem dialogar com o não crente sobre assunto tão difícil.

William Lane Craig faz uma distinção do problema do mal: afirma que há o problema intelectual do mal e há o problema emocional do mal. Segundo Craig, a maioria das pessoas não têm tantas dificuldades com o problema intelectual do mal, mas sim com o mal que acontece com elas, suas famílias, seus amigos e irmãos em Cristo. No fim de tudo, o problema do mal é na verdade o problema do meu mal.

Quero apresentar aqui algumas respostas à objeção do ateu ao problema do mal. A ideia é verificar o que os cristãos disseram sobre o assunto no decorrer da história.

¹ Leibniz, G. W. Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal. São Paulo: Estação Liberdade, 2013, p.240.

O melhor mundo possível

John Frame escreve que Leibniz e outros argumentam que este mundo, mesmo com todos os males, é o melhor mundo que Deus poderia ter criado. A presença do mal deve existir para atingir certos fins bons. Devem existir razões suficientes em Deus para a existência do mal.

Frame objeta esta ideia dizendo que este não é o melhor mundo possível, haverá um mundo melhor na vinda de Cristo.

Penso que Frame, ao objetar, não leva em conta que Leibniz estava tentando responder às questões do presente e não da eternidade. Sendo assim, o argumento de que este é o melhor mundo possível não perde seu valor.

O livre arbítrio

O livre arbítrio tem sido levantado como uma resposta plausível ao problema do mal. A ideia é que Deus criou os seres bons (anjos e homens); a decisão de escolher o mal foi do próprio homem, do seu livre arbítrio, sendo assim, Deus não pode ser responsabilizado pelo mal. A existência do mal é culpa do homem e não de Deus.

De fato, a responsabilidade do pecado recai sobre o homem e não sobre Deus (veja Gn 50.20; At 2.23).

Suponhamos que a defesa do livre arbítrio esteja correta, a pergunta que devemos fazer é: livre arbítrio de quem? Uma pessoa embriagada atinge um carro com uma família, e toda família morre. O livre arbítrio da família não vigorou nesta circunstância. Ou seja, o mal não aconteceu em função do livre arbítrio da família, e sim do homem embriagado. Assim a defesa do livre arbítrio não resolve o problema.

Forjar o caráter

A ideia aqui é de que o ser humano foi criado imaturo e carece de maturidade, logo, o sofrimento é o instrumento usado para forjar o caráter, mudar a disposição do coração, aperfeiçoar o ser humano.

John Frame objeta que nem todo sofrimento aperfeiçoará o caráter das pessoas, pelo contrário, há sofrimento que endurece ainda o coração daqueles que passam pela dor.

Frame chega a dizer que esta defesa do caráter é não bíblica, no entanto, encontramos na Bíblia textos que mostram que o sofrimento serve para aperfeiçoar os santos. Talvez a objeção de Frame sirva para incrédulos, mas é verdadeiro dizer que crentes, quando passam pela dor, têm seu caráter amadurecido.

Causa indireta

A ideia aqui é defendida por Cornelius Van Til (1895-1987 d.C.) e outros reformados. Deus seria a causa indireta do mal e não direta, desta maneira Deus não poderia ser responsabilizado pela existência do mal.

Da mesma maneira como um pai não pode ser responsabilizado pelo crime do filho, Deus não poderia ser responsabilizado pelo pecado da raça humana. O pai gerou o filho, mas não o mal que ele praticou.

John Frame rejeita este argumento, dizendo que Deus parece com o chefe mafioso que seus asseclas usam para seus maus propósitos.

Ad hominem

Um argumento ad hominem é aquele no qual se deixa de atacar ao argumento para atacar a pessoa. Os advogados usam este argumento com certa frequência, ao deixar de lado a proposição, o argumento, e focam sua atenção nos erros de quem deseja acusar.

A ideia aqui é a de que o ateu não tem condições de questionar Deus sobre a existência do mal. Visto que o incrédulo não pode distinguir entre bem e mal, ele jamais poderia se levantar para afirmar que o sistema cristão é inadequado.

A solução para o problema do mal foi colocada por Craig desta forma: “Deus não poderia ter criado um mundo que tivesse tanto bem como o mundo real, mas que tivesse menos mal, tanto em termos de quantidade como de qualidade; e, além disso, Deus tem razões moralmente suficientes para o mal que existe”.²

Craig atribui esta solução filosófica para o problema do mal a Alvin Plantinga em seu livro *The Nature of Necessity* [A natureza da necessidade]. Craig concorda que neste mundo há mais quantidade de bem do que de mal, que se houvesse maior quantidade de mal no mundo os homens tirariam suas vidas, ou seja, cometeriam suicídio.³

Da mesma maneira R. K. McGregor Wright argumenta: “Para começar, por que alguém deveria presumir que Deus está debaixo de qualquer obrigação de tanto evitar os males como eliminá-los, tão logo eles surjam? A bondade de Deus é correlata com sua sabedoria tanto quanto com sua onipotência. Ele pode simplesmente ter planos que fazem plenamente sentido para ele e que incluem sua resposta a longo prazo para o mal”.⁴

CONCLUSÃO

A Bíblia diz que Deus é poderoso, bondoso e amoroso e que ele faz todas as coisas de acordo com a Sua vontade. Devemos entender que mesmo o mal está dentro dos planos eternos de Deus. Se Ele decidiu criar um mundo com a presença do mal, devemos crer que Ele tem boas razões para isto. Cabe a cada cristão, mesmo sem entender o todo, confiar no poder, amor e na bondade do Senhor, sabendo que Ele é santo e nada faz sem santidade e justiça.

QUESTÕES PARA DEBATE

Quais são os principais atributos de Deus questionados pelo problema do mal?

Qual é a diferença entre mal metafísico, mal moral, mal físico?

Como a questão do livre arbítrio humano ajuda a responder o problema do mal?

² CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p.94.

³ Cf. CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p.92

⁴ WRIGHT, R. K. McGregor. **A Soberania Banida: Redenção para a cultura pós-moderna**. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.199.